

A DOUBLE VISION

Vejam os. Vejo as pinturas da *Sara Franco* e penso no seu atribulado percurso de vida. Entre a obscuridade e a luz reside o inexplicável. Na ousadia do excesso, projecta-se também uma necessidade de afirmação do próprio ser tolhido numa prisão imaginária. Testar os limites pode ser uma mais valia quando o anelo criativo pressiona. Gosto da entrada em cena do visceral. Desequilibra, desconstrói, troca as voltas aos planos elaborados ao milímetro. Gosto que a pintura se reinvente e me surpreenda. Que seja desafiante ao olhar de uma maneira inesperada. Que tenha uma urgência de presença. Que consiga capturar uma mistura de forças estéticas, portadoras de uma carga mobilizadora. Daquela energia temerária que pressinto no verdadeiro artista. Derivada das vivências que se vão acumulando com avanços e retrocessos. Até se encontrar um caminho, uma prioridade ainda que titubeante entre as derivas perigosas que destabilizam. Em tudo, existe sempre uma dupla visão.

Na pintura de *Sara Franco* há uma rendição parcial às forças expressivas do expressionismo abstracto. “Sim é uma tendência com que convivi desde sempre, mas introduzo elementos da banda desenhada e da pop art”, adianta. Exactamente. E operam enquanto pistas que permitem uma leitura mais abrangente das imagens. A pintura abstracta é difícil de traduzir com palavras, porque na sua essência não quer ser descrita. Na época pós-pós moderna parece já ter tudo sido feito nesse capítulo esgotado. Como conseguir que uma pintura abstracta não se confunda com o design que decora até *ad nauseum* os interiores contemporâneos? Por outro lado, as velhas novidades artísticas a navegar no barco revivalista do conceptual, reduzem-se, na maior parte das vezes apenas a ideias sem corpo, sem mistério, sem alma. Para ser redundante, diria a *nada*.

A artista, já assumida como tal, frequentou a Escola de Belas Artes de Lisboa com intervalos longos. Entre os anos 90 e 2000 andou por lá, sem nenhuma convicção nem prazer. Acabou por desistir no quarto ano porque, como ela diz, “estava sem paciência”. Sentia que aquilo era “altamente castrador” e acha que “não aprendeu nada”. Tentou comunicar através de vários meios. Essa febre de cariz saltitante levou-a à prática da serigrafia, ao design de comunicação, ao sonho de fazer parte de uma banda rock. Um compêndio de desejos que se contrastam e se contradizem. Ou talvez não. Tinha a ver com o ar de um tempo e do meio onde estava inserida. Era a atracção da rebeldia, do *Wild One*, da *Anarchy for Sale* dos *Dead Kennedys*. E sobretudo, o decisivo arrebatamento de se apresentar sem máscara. Desprovida de estratégias artísticas foi dominando os impulsos e focou-se na pintura que nunca tinha desaparecido do seu horizonte criativo. De vez em quando vinha assombrá-la como um fantasma. Das diversas experiências “sempre deve ter ficado alguma coisa”, reconhece. Embora com a maior das descontrações, afirme: “Considero-me uma ignorante. Não vou fingir que sei, não sinto essa necessidade”. Esse

lado tão sincero e despojado é revelador da uma personalidade que se rege por códigos de transparência e liberdade. Não precisa de provar nada.

A vertigem do branco

Vejamos os quadros acabados. Há a matriz do branco contaminado com ressonâncias manipuladas de outras linguagens que se harmonizam. Nada de novo. Mas tem um *it* qualquer que emerge e me convence. A virtuosidade da pintura está lá em pleno. “Não sei explicar o porquê do branco, talvez corresponda à necessidade de uma luz, depois de ter atravessado uma fase negra. O branco é bom porque permite texturas e contrastes”. Sacos de plástico e pedaços de papel rasgados integram-se no plano da tela. Reciclar, apropriar, canibalizar. As imagens resultantes do processo técnico vêm de uma colisão de camadas e densidades. As formas criadas são vagas, irregulares, incompletas. Destacam-se ainda respingos aleatórios de tinta, à maneira do vocabulário de *Jackson Pollock*. A tela é uma arena onde a artista vai agir. Os materiais são solicitados a fazer o que eles não querem. Mas tudo acaba por adquirir uma consistência rítmica que flui numa busca de coesão, de equilíbrio e até de uma certa contundência. Funciona. Não se trata de pintar coisas, mas de pintar a pintura.

O que ferve no *Behind the White*. “Conseguir fazer uma tela inteira em branco, acaba por ser uma fórmula”, argumenta a artista. *White on White* é o título de uma pintura abstracta de *Kasimir Malevich*, um dos fundadores do movimento Supremacista russo. Só que *Sara Franco* subverte o branco numa espécie de atentado à simbologia da pureza associada ao branco. A mansidão e a monotonia podem ser redimidas por detalhes marginalmente envolventes. As pinturas desta artista são tumultos de gestos, de texturas onde afloram por vezes frases curtas e significativas. Os ecos da pop. Ou o tal balão alusivo à banda desenhada que surge em boa altura para quebrar a composição monocromática e impor a expressão do pensamento visual.

E agora, imaginemos a tela em branco. É um cliché, já sabemos. Mas os clichés às vezes assumem um significado mais profundo do que se pensa. Vejamos o que acontece? “Começo a preencher a superfície com manchas”, relata. Inicia-se o processo de encenação dos actores que participam do ritual. Usa plasticina, gesso e verniz acrílico nos sacos de plástico que vão adquirindo volume. Espreita um fragmento de papel incorporado. Cada marca por mais casual que pareça, não se encontra ali por acaso. Foi deliberada. Faz questão de colocar títulos nas telas. “Os títulos contam uma história e servem de complemento às próprias pinturas”, sublinha *Sara Franco* que não se esforça muito para ter ideias ou seguir planos. Pega o que tem na frente e encena. As pinturas são personagens e a exposição montada na galeria é uma performance. E assim não se perde o deleite do lado teatral da arte. Tal como eu a vejo.

Lourdes Féria